

SOBRE AS FORMAS DE ESTUDAR E APRENDER DO ALUNO PROUNI : PERSPECTIVAS INTELECTUAIS E INVESTIMENTOS NA FORMAÇÃO CULTURAL GERAL.

MAYARA VICTOR GOMES (UNIVERSIDADE DE SOROCABA - UNISO).

Resumo

A Educação Superior no Brasil, tradicionalmente, privilegia a formação específica de caráter profissionalizante, esta perspectiva se consolidou de forma pragmática nas instituições que atendem o novo aluno – oriundo de camadas sociais menos favorecidas e que até há pouco tempo não ascendia aos estudos de nível universitário. A problemática ganha relevância num contexto de diversidade de demandas profissionais, onde é discurso corrente a maior exigência de capacidade de trabalho, a capacidade de operar com protocolos definidos, mudanças rápidas no sistema, utilização de tecnologia... Ao mesmo tempo, sustenta-se que, nos dias de hoje, o estudante universitário teria, em sua maioria, pouco domínio de leitura e de escrita, o que o impediria de atuar apropriadamente no espaço acadêmico. Nesta pesquisa, verifica-se em que medida e como estudantes do ProUni de IES – periféricas (IES periférica implica o tipo de instituição e o lugar relativo que ocupa no campo da Educação Superior) investem em sua formação geral para ampliar seus conhecimentos acadêmicos e culturais. Trata-se de, considerando seu perfil sociocultural e das instituições que os recebem, avançar a compreensão de processos formativos numa perspectiva que considera que a Educação Superior experimenta intensa disputa entre formação específica e formação geral. É de supor que a formação geral ofereça maiores possibilidades de participação e intervenção social que a formação específica, mas a tendência de organização da Educação Superior, por interesses de mercado, é a inversa. O trabalho se vincula à pesquisa "Cultura Escrita, Globalização e Formação Universitária: concepções de estudo e de aprendizagem e expectativas do estudante universitário de IES periférica". O estudo permitiu identificar as formas como se desenvolve, nacional e internacionalmente, o debate sobre formação específica e formação geral e as estratégias de grupos sociais menos privilegiados que acenderam a condição universitária para superar suas deficiências formativas.

Palavras-chave:

Instituição de Educação Superior periférica, Formação Geral, Aluno ProUni.

Apresentação

Este trabalho de pesquisa é consequência das questões e reflexões levantadas pelo orientador Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto que, ao longo da sua carreira, foi incorporando e trazendo algumas críticas a respeito das discussões sobre Letramento, Leitura e Escrita para o âmbito universitário, pois percebeu que o debate limitava-se ao ambiente das séries iniciais e ao alfabetismo baixo, de modo que as poucas pesquisas e discussões existentes sobre Letramento no campo do Ensino Superior não são aprofundadas nem relacionadas a outros aspectos pertinentes, como o conhecimento e a formação. Contrariando a idéia geral de que o estudante não consegue estudar porque não sabe ler, Britto, em orientações, conversas e palestras, propõe que é a falta de acesso ao conhecimento e de vivência efetiva com ele que faz com que o aluno não "saiba ler"; com isso, a leitura deixa de ser causa do desconhecimento e passa a ser resultado. Ainda que seja uma relação interdependente, isto é, na medida de que, quanto mais se conhece, mais se tem capacidade de ler e, à medida que se tem mais capacidade de ler e mais leituras se fazem, mais se conhece, a origem do problema não estaria

nas habilidades cognitivas ou sociais de ler e escrever, e sim, fundamentalmente, na postura epistemológica do estudante. Esta linha de raciocínio norteia tanto os questionamentos deste trabalho ("investimento cultural") como o de mais quatro pesquisas envolvidas diretamente com o projeto: Investimentos, objetivos e subjetivos, na constituição de acervo pessoal, de Edineuza Oliveira Silva (IC - Fapesp), A postura Epistemológica e a percepção de autoria, de Katlin Cristina De Castilho (IC - Fapesp), Razões e concepções do ensino de Língua Portuguesa em cursos universitários, de Márcio José Pereira de Camargo (mestrado - bolsa UNISO), Cultura, experiência estética e formação universitária, de Tatiane Maria Abreu. (Mestrado - Capes). De forma a contribuir para a compreensão dos processos atuais de organização e oferta da Educação Superior no Brasil, este grupo de estudos realiza análise da formação universitária, bem como de formas de conhecimento que circulam no âmbito acadêmico, com o objetivo de identificar e compreender a postura epistemológica de estudantes assistidos por Instituição de Educação Superior periférica[1]. Este trabalho se insere no projeto de pesquisa "Formas de conhecimento, concepções de estudo, de aprendizagem e expectativas do estudante universitário de IES Periférica". Nos limites desta pesquisa, importou verificar como os alunos ProUni buscam ajustar-se às determinações de ordem cultural e intelectual próprias da Educação Superior. Como se relacionam e se apropriam dos objetos culturais diferenciados e de que maneira esta relação afeta a sua maneira de pensar o mundo e portar-se diante do conhecimento.

O "aluno novo" e o aluno ProUni - Caracterização do sujeito da pesquisa

Temos dois universos de pesquisa. O primeiro grande universo é aquele que opera com o "aluno novo", típico da IES periférica, pertencente ao segmento social que, até os anos de 1990, não ascendia ao sistema da Educação Superior. Existiam aqueles que eram incorporados isoladamente, isto é, casos em que um indivíduo pertencente à classe social de trabalhadores, por razões particulares, encontrava situações específicas que lhe permitiam entrar na universidade; uma vez tendo ingressado, por tal feito, este sujeito mudava de condição e de classe social, de modo que, mesmo oriundo da classe trabalhadora, ele assumia uma identidade fundamental de classe média urbana intelectual. Vale destacar que neste período específico a universidade formava para profissão e lugar social típicos das classes médias urbanas e dirigentes, tais como médicos, engenheiros, psicólogos (Este modelo prevaleceu até meados do século XX); estas classes dispunham de habilitação escolar para postular uma vaga na universidade, enquanto a maioria das populações pobres sequer tinha formação básica necessária para ascender a esta condição; além disso, as universidades não estavam "disponíveis" para elas (localização, dificuldade de acesso, preços), fato que diminuía em muito as chances de um indivíduo de uma classe inferior ascender à condição de universitário.

A expansão do sistema não incorporou apenas o mesmo perfil, interesse e perspectiva social. Ela abriu a possibilidade de que segmentos importantes de classes sociais inferiores ascendessem à condição de universitário, ainda que sendo um outro tipo de universitário, como veremos adiante. Esta problematização se faz importante devido à constatação de que as transformações que impulsionaram os meios e as possibilidades de o estudante oriundo de segmentos sociais de baixa escolaridade e menores possibilidades sociais alcançar a Educação Superior implicaram modificações profundas tanto da organização da universidade e em suas funções formativas, quanto no tipo de conhecimento que circula neste ambiente. Em outras palavras, o aumento do número de matrículas não se deu de forma aleatória, mas em função de uma profunda transformação do sistema, cuja razão de ser não é mais, ou apenas, de formar os quadros dirigentes da nação e a intelectualidade profissional urbana, mas também a de produzir mão de obra especializada.

Portanto, o "aluno novo" é o produto da massificação do ensino superior. Ainda que o número de indivíduos de classe inferior que chegam à educação superior tenha aumentado, não há ascensão social; a diferenciação de classe se mantém, pois mesmo que todos cheguem à universidade não chegam à mesma universidade, ao passo que ela se afastou do seu caráter formativo diferenciado, mais próximo da educação liberal e se moldou aos ditames do mercado produtivo de trabalho.

Conforme já explicitado, o campo da Educação Superior se subdivide basicamente em dois pólos: de um lado, o treinamento de pessoal para o mercado de trabalho e, de outro, nichos de excelência com alunos, majoritariamente, oriundos de classe média de perfil próximo do "aluno clássico", isto é, aquele que dispõe de condições específicas e facilitadoras como tempo de estudo, financiamento familiar, freqüentação á objetos próprios da cultura hegemônica, etc., condições que para Bourdieu podem explicar o êxito escolar. Para o sociólogo, o sucesso na vida acadêmica está intimamente ligado aos benefícios específicos que o sujeito possui. A desigualdade de desempenho escolar seria reflexo da distribuição do capital cultural, um bem que é adquirido inconscientemente e por vias indiretas no convívio familiar, transmitido hereditariamente, uma vez que torna-se efetivo à medida que a família possibilita a aproximação do sujeito com os objetos culturais diferenciados e com um sistema de valores que contribuem para definir sua atitude frente à cultura e à instituição escolar. Estão dentro deste conceito tanto as informações dadas sobre o mundo universitário e as possibilidades de curso (parte rentável), quanto à cultura livre adquirida nas experiências extra-escolares e a facilidade verbal, entendida não somente como herança do léxico e da sintaxe, mas como uma certa atitude diante das palavras, uma "aptidão" para o deciframento e a manipulação de estruturas complexas, uma preparação para os "jogos escolares". (BOURDIEU, 2005)

Logo o que se oferece na escola como aquilo que deveria ser proporcionado a todos sem distinção, já pertence anteriormente à determinada classe social ("privilegiada e culta"), que não terá dificuldades de operar com o que lhe for oferecido.

De fato, o sistema de ensino pode acolher um número de educandos cada vez maior - como já ocorre na primeira metade do século XX - sem ter que se transformar profundamente, desde que os recém-chegados sejam também portadores das aptidões socialmente adquiridas que a escola exige tradicionalmente. (BOURDIEU, 2005, p. 56)

Já no segundo universo de pesquisa, está o aluno ProUni, um subgrupo específico dentro do grupo "novo aluno". Este sujeito se assemelha mais aquele grupo de alunos que, nas décadas de 70 e 80, ascendiam isoladamente ao nível superior de ensino, ainda que seja assistido periféricamente. A comparação se sustenta na hipótese de que estes alunos têm disposições subjetivas aparentemente diferenciadas (maior vontade de estudar, melhor trato com os objetos culturais escolarizados, mais disciplina, etc.), as quais podem franquear outras formas de conhecimento e de comportamento acadêmico-escolar. De forma geral, este aluno foi submetido a um processo de seleção (Exame Nacional do Ensino Médio - Enem) e, além disso, está sob pressão escolar, o que faz com que tenha rendimento melhor. No entanto, ressalte-se que a hipótese, não obstante encontrar corroboração independente em dados do ENADE que demonstra melhor aproveitamento dos alunos ProUni, precisa ser verificada a partir da análise dos casos específicos, pois a lógica macrossociológica tende a incluí-los no mesmo lugar que os demais "alunos novos".

A pesquisa relativa a este projeto, tem por finalidade, no bojo da pesquisa maior, verificar que tipo de investimento formativo em arte e cultura o aluno o ProUni

realiza durante sua formação universitária e se tem a percepção de que este tipo de conhecimento implica uma reordenação na forma como ele se relaciona com o conhecimento, isto é, em sua "postura epistemológica".

Postura epistemológica

Aproximamo-nos, neste trabalho, do conceito de "postura epistemológica" sob dois eixos básicos: 1. postura instrumental e 2. postura teórico-formal.

A "postura epistemológica instrumentalizada" direciona-se para a aprendizagem de técnicas, na busca de capacitação para o mercado de trabalho. Supõe envolvimento com conhecimentos pragmáticos, de caráter normativo e informacional, supostamente necessários à atuação profissional; se caracteriza, principalmente, pela aprendizagem rápida e fácil, sem ou com pouca criticidade. Nesta postura, pouco importa a percepção da autoria e da historicidade do conhecimento, apagando-se as características históricas e os processos científicos envolvidos no desenvolvimento das Ciências, considerando-se, prioritariamente, o resultado em si. Há a tendência à absolutização dos fatos e à aceitação das normas de conduta tomadas como "naturais". O modelo atual de Educação Superior, em especial nas instituições periféricas, tem favorecido esta tendência.

A "postura epistemológica crítica" implica maior acesso aos conhecimentos formais científicos e supõe estudo sistemático, organização e constituição de acervo, disciplina de estudo, percepção da autoria do conhecimento e de suas características históricas, possibilitando discussão, reflexão e problematização do objeto de estudo. As dificuldades de formação básica e o tipo de compromisso do estudante com a instituição e sua formação prejudicam o desenvolvimento desta postura.

A interferência do mundo técnico e produtivo do trabalho na educação colabora para que se deixe de lado o valor do conhecimento pelo seu bem intrínseco, trocando-o pela prática, pelo "saber fazer", quando o treino de habilidades profissionais torna-se mercadoria, afetando diretamente a postura teórico-formal que se possa ter diante do conhecimento. Além disso, a idéia de Ensino Superior é carregada de um conteúdo simbólico que denota superioridade e enfatiza a crença nele como fator propulsor e elementar de ascensão social, de modo que a maioria espera que, com a formação de nível superior, a conquista de um espaço no mercado de trabalho e a autonomia financeira estejam garantidas. (SANTOS, 2005; SANTOS FILHO, 2008; BRITTO, 2008).

Nas grades curriculares são eliminadas quase todas as disciplinas que fazem "pensar", pois o mercado quer "gente que faz". As instituições literalmente disputam os "clientes" e estes vão escolher aquelas que são mais atraentes e que, geralmente, não exigem muito em termos de estudo. É a institucionalização do "mercado de ensino" que reduz a valor-de-troca aquilo que não pode ser mercadoria (o conhecimento). Temos com isso, escancaradamente, o comércio de diplomas e a proliferação de instituições "caça-níqueis". (SANTOS, p.5, 2005)

Se o mercado exige mão de obra qualificada e o Ensino Superior é compreendido como trampolim de acesso a melhoria de vida, não é de surpreender a ampliação do número de ingressantes e instituições. O avanço de matrículas é impressionante. Em 1980, houve 1.377.286 de matrículas em todos os cursos superiores presenciais brasileiros: em 1998, este número saltou para 2.125.958 e, em 2001, atingiu a cifra de 3.030.754, dos quais 1.734.936 estudando no período noturno. Em 2007, o número de matrículas alcançou 4.880.381, sendo 3.639.413, em instituições privadas (INEP/MEC.) A essa mudança quantitativa corresponde

uma mudança qualitativa, de modo que o campo da educação superior, inchado se subdivide, criando, de um lado, nichos de excelência e, de outro, grandes conglomerados de treinamento de pessoal para o mercado de trabalho e para a adaptação a determinado tipo de sociedade. (BRITTO et al, 2008)

São muitas as conseqüências desse ciclo de expansão da Educação Superior ocorrido a partir dos anos de 1990; para o raciocínio que aqui desenvolvemos importa destacar a mudança de perspectiva de formação universitária, que passa a ter, especialmente nos cursos voltados à atenção dos novos segmentos incorporados ao sistema, caráter essencialmente pragmático, com vistas a uma "capacitação profissional genérica" ajustada às demandas imediatas no mercado de trabalho urbano, principalmente no setor de serviços. As IES periféricas, de um modo geral, têm se moldado para oferecer cursos de formação aligeirada, voltados para o treinamento prático do mercado de trabalho, centrados na normatividade, caindo assim no utilitarismo.

Não obstante, diversos estudos têm insistido na importância da educação geral para a formação profissional. Sustentam os pesquisadores que, diante da atual conformação do capitalismo, em que se destacam das inovações tecnológicas, é grande a necessidade de uma educação ampla, formativa, que transcenda o tecnicismo e o pragmatismo (MACHADO, 1995) (PEREIRA, 2008) (SANTOS, 2005) (SEVERINO, 2006)

As questões centrais subjacentes à concepção de formação geral são:

1. O reconhecimento do caráter histórico, dinâmico, inacabado e provisório do conhecimento, estendendo essa compreensão da mutabilidade e historicidade para a análise da sociedade e da própria humanidade.
2. A compreensão da formação profissional incorporando a perspectiva de um cidadão instruído, culto e ético: "Uma formação completa deve oferecer mais que a simples transmissão de conhecimentos e habilidades para que o homem seja realmente um indivíduo liberado/ educado. Portanto, como princípio básico, os estudos que compõe uma educação geral/liberal devem: encorajar a participação do indivíduo na vida social como um homem livre, instruído e culto". (PEREIRA, 2008, p.70)
3. A assunção da educação geral como um bem intrínseco e não como algo que se determina em função de seus fins. Neste sentido, a verdade mais nobre seria a procura do conhecimento em vista de si mesmo, de modo que a Universidade se caracteriza primeiramente como o lugar da procura da verdade, e só depois, o lugar da procura da aplicação da verdade; Assim, as faculdades profissionais só têm se submetidas ao cultivo da ciência. (PEREIRA, 2008)

A forma violenta como a ordem produtiva e a ordem do capital operam no cotidiano social impulsiona políticas que desprivilegiam o acesso à formação geral. Isso não significa que o indagar pela ótica da razão instituída e equilibrada sobre esta condição humana ficou impossibilitado.

As teorias dispersivas resultantes da ordem do capital promovem dissimuladamente o controle da técnica. A evolução dos recursos técnicos e de reprodutibilidade concomitantes à modernidade influenciou uma nova forma de apreender e usufruir as produções culturais. Este termo "reprodutibilidade" é utilizado por Walter Benjamin, intelectual associado à escola de Frankfurt. No seu artigo "A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica", Benjamin expõe acerca da decadência da aura, isto é, a unicidade e valor de culto das obras de arte, fato conseqüente da maneira de apreciação das massas e das novas técnicas de reprodução que

"[...]atingiram um nível tal que estão agora em condições não só de modificarem seus modos de influência como também de que elas mesmas se imponham como formas originais de arte. (...) "As massas exigem que as coisas se lhe tornem, espacial e humanamente "mais próximas", tendem a escolher as reproduções a apreciar o caráter daquilo que é só é dado uma vez". (BENJAMIN 1983, p. 212 e 216).

Tal reflexão pode "conversar" com as idéias posteriores de Theodor Adorno, que num contexto histórico diferente, tece considerações acerca da "Indústria cultural", a qual, segundo o autor, é responsável por transformar tudo o que poderia ser revolucionário em rótulos e mercadoria, inclusive a arte, proporcionando a construção de um poderoso instrumento de alienação das massas.

Algumas considerações preliminares

O estudo teórico permitiu avançar a fundamentação da hipótese original do efeito que a formação cultural e a experiências estética têm sobre o comportamento e sucesso acadêmico do estudante universitário, principalmente no que concerne à sua postura epistemológica. A arte, entendida não como entretenimento, mas como uma forma de relacionamento com o mundo e com as coisas, implica uma forma de conhecimento próprio, ao lado da ciência, da filosofia e da política (BRITTO, 2009).

A análise preliminar permitiu sugerir que a maioria dos alunos se mantém presa à razão instrumental, vivendo a experiência acadêmica de forma que interessa acima de tudo uma formação prática para o trabalho, na qual prevalece uma postura epistemológica em que o conhecimento é tomado como algo acabado, oferecido verticalmente pela "autoridade" (a instituição, o docente); por isso mesmo, há pouco investimento na aquisição de livros ou de realização de estudos independentes; os estudantes parecem reconhecer que a leitura, o estudo e a participação cultural são "importantes", mas não encontram espaços objetivos em suas disponibilidades subjetiva (e, muito menos, nas objetivas) para agir nessa direção. As entrevistas semi-estruturadas realizadas com alunos ProUni confirmam que eles tendem a ter mais concentração acadêmica, mas mantêm-se no mesmo quadro geral quando se trata de ir além do estabelecido. Cabe investigar que fatores de ordem subjetiva e de conformação cultural e social atuam neste sentido.

Os estudos até aqui desenvolvidos, tanto por esta pesquisadora como pelos demais participantes do grupo, confirmam a importância de se investigar mais densamente o aluno novo, suas formas de relacionar-se com o conhecimento e de compreender e assumir valores culturais e políticos que sustentam a Educação Superior na sociedade contemporânea. Como devidamente demonstrado, a Educação Superior brasileira sofreu transformações muito radicais a partir de 1990, quando se verifica uma nova onda de escolarização neste nível de ensino, com a incorporação massiva de estudante oriundos de segmentos sociais que até recentemente não tinham em seu horizonte de formação a universidade.

Pode-se, dizer, portanto, que há um grande desconhecimento do perfil deste estudante e uma política que tendem a reproduzir na educação o modelo da razão instrumental, submetida à lógica de formação (adequação) para o mercado. Quanto à formação cultural e à experiência estética, por sua vez, parece haver ainda menos consciência, provavelmente pela articulação desta forma de realização do conhecimento e do autoconhecimento com uma operação de consumo e distração ou de aplicação à vida prática, esvaziando a arte de sentido.

Referências

ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. Paz e Terra: São Paulo, 2006.

ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. In: Educação & Sociedade. Revista de Ciência da Educação. Campinas - SP: Papirus, ano XVII, p. 388-411, 1988.

BAY, Dora Maria Dutra. Arte & sociedade: Pinceladas num tema insólito. Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas ISSN 1678-7730 nº 78 - FPOLIS, Março de 2006.

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: **Textos escolhidos:** Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. P. 3-28. (Os Pensadores)

BOURDIEU, Pierre. **Escritos em educação. Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes. 1999. II, III e IV capítulos.**

BRITTO, Luiz Percival Leme et AL. Conhecimento e Formação nas IES Periféricas Perfil do Aluno novo da Educação Superior. **Avaliação**, Campinas, v.13, n. 3, 2008.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura de estudo de estudantes universitários de IES periférica - uma aproximação. **Avaliação**, Campinas, v. 10, n. 4, 2005. p. 105-126.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e escrita de estudantes universitários. In: _____. **Contra o consenso - cultura escrita, educação e participação.** Campinas: Mercado de Letras, Campinas, 2003. p. 175-194

BRITTO, Luiz Percival Leme; TOREZAN, Ana Maria. **Estratégias de aprendizagem utilizadas em atividades de estudo por estudantes universitários de primeira geração de longa escolaridade.** Sorocaba: Uniso, 2004. Relatório de Pesquisa. Projeto FAPESP.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2000. 3º Capítulo.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação.** São Paulo: Autores Associados, 2005.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Formação geral e especializada; Fim da dualidade com as transformações produtivas do capitalismo? Trabalho apresentado na XVII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, outubro de 1995.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Educação Geral com qual propósito? In: PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. **Universidade e educação geral para além da especialização.** São Paulo: Alínea, 2008.

SANTOS, Robinson dos. Três relações fundamentais no Ensino Superior. **Iberoamericana de Educación.** V.36, n.9, 2005
http://www.rieoei.org/boletin36_9.html.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Educação Geral na Universidade como instrumento de preservação da Herança Cultural, Religação de Saberes e Diálogo de Culturas. In: PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. **Universidade e educação geral para além da especialização.** São Paulo: Alínea, 2008.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação & Sociedade**. v. 25 n.90, p. 77-105, Campinas, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca da formação humana: tarefa da filosofia da educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez. 2006.

[1] IES periférica implica o tipo de instituição e o lugar relativo que ocupa no campo da Educação Superior. Nomenclatura utilizada por Britto para denominar as instituições com as seguintes características: a) Tem finalidade estrita de formação / qualificação de mão de obra; b) Apresenta organização e ocupação do espaço e do tempo em que se privilegia espaço/tempo aula; c) Formas de administração e financiamento; d) Formas de relacionamento com o mercado e com a sociedade; e) Tipo de público a que assiste; f) Relação com centros irradiadores de conhecimento e exercício de poder.